

Visto, lido e ouvido

DESDE 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Militares estão ao lado da lei, não do poder

Arrependimentos, assim como as consequências, são tudo o que vêm depois. Dessa constatação ululante vem, por exemplo, com a confissão tardia feita pelo “grande estrategista” petista José Dirceu, que mostrou arrependimento de não ter, a tempo, integrado as Forças Armadas brasileiras às diretrizes de esquerda de seu partido, do mesmo modo como foi feito na Venezuela, onde as FFAA daquele país foram incorporadas às pretensões políticas e hegemônicas de Hugo Chaves e do atual presidente, Maduro.

Minar resistências e domar ideologicamente as forças militares parece, na cartilha da esquerda, o primeiro passo para dominar o resto da nação. A transformação de forças militares, treinadas para a guerra e prontas para matar, em uma espécie de Guarda Pretoriana a serviço de ditadores de plantão, tem sido a principal causa que permitiu, ao longo da história humana e mesmo nos dias atuais, a sobrevivência de tiranias sanguinárias.

Sem a força das armas, dificilmente um ditador se prolongaria no governo. A confissão arrependida de Dirceu, feita em entrevista recente de que o PT iria tomar o poder em caso de um golpe e que, durante governo Lula, eles perderam a chance de doutrinar as FFAA, o que, de fato, daria o suporte material e fático para que eles se mantivessem no comando do país por um longo tempo, diz muito sobre as pretensões hegemônicas tanto da esquerda, quanto da direita.

No caso do atual governo, a “prosaica” proposta centralista, disfarçada de medida em prol do combate à epidemia da covid-19, foi apresentada pelo deputado Vitor Hugo (PSL) pedindo a decretação do Estado de Defesa ou de Sítio, o que, na prática, significaria um golpe ou, ao menos, uma tentativa do presidente de enfeixar, em suas mãos, todos os poderes da República.

Não se sabe exatamente se foi o amadurecimento democrático das novas gerações de comandantes das FFAA que impediu a concretização dessas ideias de hegemonia por parte do Executivo ou se foi mesmo a clareza e exatidão do que manda a Constituição em seu artigo 142, que, mesmo sob a autoridade suprema do presidente da República, tem por finalidade a defesa da pátria, dos poderes constituídos, além da garantia da lei e da ordem.

O episódio recente, com a saída estratégica dos três chefes das FFAA, a fim de não comprometer e contaminar politicamente Exército, Marinha e Aeronáutica nas elucubrações palacianas, demonstram que, nesse primeiro teste, as forças militares seguiram o caminho da Lei Maior, sem maiores traumas e com a honradez e lealdade que se espera dessas instituições.

Nesse episódio, saíram feridos, além do presidente, todos aqueles que ainda apostam em medidas centralistas para a resolução de problemas de Estado. A seguir essa marcha, as FFAA mostram que estão ao lado de uma nova história, talvez bem distante daquele longínquo 31 de março de 1964.

»A frase que foi pronunciada:

“Nós estamos normalmente mais assustados do que machucados, e sofremos mais na imaginação do que na realidade.”

Sêneca, filósofo estoico e um dos mais célebres advogados, escritores e intelectuais do Império Romano

Novidade

» Em Brasília, o estádio Mané Garrincha está começando a voltar às atividades. Basquete e futebol estão na agenda. Havia um imbróglio desfeito pelo TRF 1ª Região.

Doação

» Sucesso o vídeo que propõe aos vacinados levar 1kg de alimento para doar. Faltam entidades locais necessitadas tomarem a frente para receber os alimentos. A boa ideia precisa vir acompanhada da execução. Veja no *Blog do Ari Cunha*.

Curiosidade

» No DF, há 574 piscicultores cadastrados produzindo anualmente, 1,8 tonelada. No Entorno, a produção é de mais de 7 mil toneladas. Não dá para entender porque os mercados de Brasília vendem os mesmos peixes pescados aqui vindos até de outros países. Pior. Se temos tantos peixes assim, mais uma razão para arrefecer os preços.

Graphogame

» Em tempos de aulas on-line, a criançada resolveu grudar no celular dos pais para brincar em aplicativos de jogos. Daniel tem 6 anos de idade e passa mais de 3 horas por dia nesses jogos, com as benções da mãe, que trabalha fora e não tem como controlar a prole. Pensando nessa situação, o Ministério da Educação lançou um aplicativo educativo para a criançada que, enquanto brinca, aprende. Veja no *Blog do Ari Cunha*.

» História de Brasília

A Novacap está no dever de abastecer a cidade convenientemente nos mercadinhos da W-4. A maioria dos agricultores é composta por nordestinos, e daí a necessidade de maior assistência de agrônomos, principalmente porque não conhecem plantações de verduras muito a gosto da população sulista

A biruta da educação

» MOZART NEVES RAMOS

Titular da Cátedra Sérgio Henrique Ferreira do Instituto de Estudos Avançados da USP – Ribeirão Preto e professor emérito da UFPE

Biruta é um substantivo feminino que significa indicador visual de condições de vento. As últimas notícias na área da educação mostram que os ventos não são nada favoráveis — na verdade, são bastante preocupantes. A começar pelo veto presidencial ao Projeto de Lei nº 3.477/2020, que buscava garantir acesso à internet, com fins educacionais, a estudantes e professores da Educação Básica pública. Entre as razões do veto, o presidente afirmou que a medida não apresentava estimativa do respectivo impacto orçamentário e financeiro. Os custos, por sua vez, seriam cobertos com recursos do Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações (Fust), além de doações e de outros recursos previstos na lei orçamentária. Estima-se que os recursos do Fust sejam da ordem de R\$ 23 bilhões.

Neste cenário de pandemia, o ensino remoto será empregado majoritariamente por nossas crianças como porta de acesso à educação ao longo de 2021, lembrando ainda que milhões delas ficaram sem estudar em 2020, exatamente porque não tiveram como acessar as aulas, por falta de conectividade. Estudos do professor André Portela, da FGV de São Paulo, apontam que, nessas condições de nenhum acesso à educação, os níveis de aprendizagem desabam para os mesmos níveis de 2018. É como se o governo atual não tivesse até aqui existido, na área da educação, para essas crianças.

Adicionalmente a essa triste notícia, veio a do artigo da jornalista Renata Cafardo, intitulado *Passam a boiada no MEC*, publicado no *Estadão* de 21 de março. Em sua coluna, ela traz o estudo do Banco Mundial que chamou de “tragédia” o que está acontecendo na educação no Brasil e em outros países latinos pelas escolas fechadas por conta da pandemia. Cerca de 70% das crianças podem deixar de aprender a ler. Em vez disso, o governo prioriza no Congresso a pauta do homeschooling, que, no máximo, vai atender a cerca de 7.500 famílias. Enquanto isso, milhões de crianças deixam de estudar por não terem acesso ao ensino remoto. Diz ainda a jornalista: “O ministro (Milton Ribeiro) nomeou uma professora ligada ao movimento Escola Sem Partido para a coordenação dos materiais didáticos. Sandra Ramos já disse que queria dar uma ‘perspectiva conservadora cristã’ à BNCC (Base Nacional Comum Curricular), o mais importante documento publicado nos últimos anos para nortear o que deve ser ensinado nas escolas e no qual as editoras de livros se baseiam. Ela ainda defende que se tire toda a menção às culturas africanas e indígenas da Base”.

E, para completar a tragédia, o lúcido artigo de Claudia Costin, uma das mais respeitadas gestoras no campo das políticas públicas da educação, intitulado *A muralha da China e as instituições, desconstruindo o Inep*, chama a atenção do país para o even-



tual desmonte que pode estar acontecendo na área da avaliação tão bem executada, ao longo de décadas, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Diz ela: “Busca-se, agora, desconstruir o instituto que nos permite, ao fornecer dados de aprendizagem e de infraestrutura escolar, atuar com base em dados em educação”. Mais adiante, ela afirma: “Passar essa responsabilidade para o nível político do MEC e fechar a porta para especialistas da área de avaliação é destruir a parte da muralha edificada por gerações

anteriores, a pretexto de resolver os problemas da educação”.

Tudo isso é extremamente desalentador, e só vem aumentar a enorme tristeza de ver todos os dias milhares de brasileiros morrendo pela covid. Apesar de meus ideais continuarem vivos, há momentos em que a tristeza bate forte, como agora. Vamos trabalhar para colocar a biruta da educação na direção certa — a de prover educação de qualidade para todas as crianças e jovens deste país. Fiz disso o meu ideal, e não vou abrir mão dele nesta etapa da minha vida.

Como nasce o populismo?

» JOSÉ PASTORE

Professor da Universidade de São Paulo e membro da Academia Paulista de Letras. É Presidente do Conselho de Emprego e Relações do Trabalho da Fecomercio-SP.

Adescida na estrutura de classes sociais causa frustração e desilusão. Quando isso ocorre, acentua-se a desigualdade entre as pessoas e aflora o encantamento pelos líderes populistas. A desigualdade em si não induz o populismo. Este prospera quando as desigualdades são vistas como injustas por favorecerem gratificações que não decorrem da contribuição efetiva das pessoas (Eric S. M. Protzer, *Social mobility explains populism, not inequality or culture*, Harvard Kennedy School, Working Paper 118, 2021).

Esse sentimento provoca a busca de líderes que condenam a injustiça e oferecem remédios mágicos para instalar a justiça. Os políticos populistas defendem que as pessoas que descem na escala social deveriam ter obtido resultados econômicos merecidos. Com isso, manipulam o desencanto, as frustrações e o sentimento de injustiça.

O sentimento de injustiça mina a democracia porque solapa a cooperação e a solidariedade. Para conquistar as simpatias dos eleitores, os políticos populistas são, geralmente, antielitistas, antipluralistas, autoritários, xenófobos e imediatistas. Eles oferecem benefícios de curto prazo sem se importar com as consequências de longo prazo.

Nos Estados Unidos, a crise de 2008-09 provocou uma grave ruptura na estrutura

social. Abruptamente, as pessoas perderam suas casas, suas poupanças e seus empregos, enquanto grupos da elite econômica, em especial, gerentes e diretores de bancos, se enriqueceram sem nenhuma contribuição pessoal. Muitas foram as famílias de classe média que desceram na pirâmide social. Daí o movimento 99% do “Occupy Wall Street”, em que a maioria perdedora passou a protestar contra a minoria que manteve suas posições gerando bônus e benefícios sem nenhuma contribuição.

Outro exemplo é o que decorre da destruição de empregos de classe média devido à adoção de tecnologias que substituem mão de obra e “empurram” a maioria para as classes mais baixas. É caso, por exemplo, de um gerente de almoxarifado de um grande supermercado (classe média) que é substituído por sistemas de inteligência artificial que fazem todos os seus trabalhos. Poucos conseguem se manter onde estão por falta de domínio de tecnologias sofisticadas. Para a maioria, resta dirigir um Uber, trabalhar como zelador ou como empacotador no comércio eletrônico. É o chamado efeito polarização das tecnologias. O resultado é uma redução da mobilidade social ascendente e um aumento da descendente e da desigualdade.

Nenhum político tem coragem de culpar as tecnologias. É um raciocínio muito com-

plexo para campanhas eleitorais. Mas é inegável o seu impacto na redução da classe média em vários países onde aflorou o populismo. Esse foi o caso do voto ao Brexit na Inglaterra, em 2016, e da eleição de Donald Trump nos Estados Unidos no mesmo ano. Aos olhos dos que desceram na pirâmide social, a desigualdade foi muito injusta. Esse sentimento se agudizou pelo fato de as novas tecnologias terem sido adotadas sem se dar uma oportunidade de requalificação profissional aos membros da classe média.

A baixa mobilidade social instiga o aumento da simpatia por políticos populistas. Trump, em 2016, e também em 2020, teve muitos votos de eleitores que se sentiram injustiçados. O mesmo ocorreu com os eleitores de Marine Le Pen, na França, nas eleições presidenciais de 2012 e 2017. Nas duas campanhas, ela enfatizou a injustiça provocada pela casta política dos “eurocratas” da União Europeia encastelados em Bruxelas.

Jair Bolsonaro elegeu-se em 2018 ao combater as injustiças geradas pela corrupção de políticos e empresários, sem citar as tecnologias. Mas estas estão a todo vapor, no Brasil, e provocando a redução da classe média. É um campo fértil para se manipular os sentimentos de injustiça. Será que ele terá folego para inebriar os fãs do populismo em 2020?